

Buzina  
que xinga:  
solução para  
brigas  
de trânsito

(PÁGINA 3)

# A TARDE Caderno

Jornada de  
Psicanálise  
discute  
limites do  
ser humano

(PÁGINA 7)

DANÇA/ENTREVISTA

## O Canadá é aqui

**Bingo! A vanguarda da dança canadense está na Bahia: dançarina e coreógrafa, Isabelle Choinière traz o multimídia *Communion* e concede entrevista exclusiva para A Tarde.**

Gideon Rosa

O futuro é agora para a canadense Isabelle Choinière. Contrariando o McLuhan, que vislumbrava a máquina substituindo o homem, ela estabelece uma ponte entre o tecnológico (sintético) e o humano (orgânico) e considera impossível a anulação do corpo pelas crescentes conquistas. *Communion* é um espetáculo estonteante na profusão de imagens e minimalista no gestual. Em cena, a coreógrafa construiu movimentos que não buscam referências academicistas, mas integração entre o corpo e a técnica, em todos os níveis possíveis. Com seu trabalho - que, sem dúvida, é uma nova vertente da dança -, ela estabelece uma conexão, uma fluidez de movimento, que vai do exterior ao interior do corpo e pare-

utilização de inúmeros objetos de desenho futurista, como óculos e uma parafusadeira tecnológica que parece engolir o homem - que resiste e encontra beleza e prazer nessa interação.

Enfim, *Communion* pode ser classificado como a vertente de uma linguagem coreográfica composta pelo corpo e pela tecnologia. É a arte eletrônica (com a qual a coreógrafa trabalha desde 1992), uma das últimas vertentes da arte moderna. Não é à toa que Isabelle foi convidada para fazer a abertura do III Salão Nacional de Artes Plásticas do Museu de Arte Moderna (Solar do Unhão), no próximo dia 13. Antes disso, entre os dias 10 e 12, ela faz apresentações no Teatro Castro Alves. Pelas características minimalistas do trabalho, Choinière não vai se apresentar na sala principal, mas nas salas alternativas do TCA. No início do mês de novembro, ela participou, como convidada, do Festival de Arte Eletrônica, em São Paulo (Sesc-Pompeia). Mas essa não é a primeira vez que ela vem ao Brasil. No ano passado, em Londrina, mostrou esse mesmo espetáculo no Festival Internacional de Londrina. O grupo vem à Bahia com o suporte de várias organizações, especialmente do Núcleo de Estudos Canadenses da Uneb e Associação Brasileira de Estudos Canadenses. Nessa entrevista exclusiva, Choinière fala das especificidades do seu trabalho.



**P - Poderíamos classificar seu trabalho como uma espécie de dança virtual?**

**R -** É preciso, antes, dizer que o conceito de dança virtual não está ligado ao conceito de desaparecimento do corpo. Nós trabalhamos justamente com o contrário. É uma

ce se multiplicar na busca de outros espaços.

*Communion* (*Le Partage des Peaux*) é a reunião de uma série de imagens impressionantes. Concebido por Choinière, Alexandre Burton (técnico em eletro-acústica), Jimmy Lakates (especialista em artes visuais) e Michael Smith (músico), o espetáculo tem apenas Isabelle em cena. É verdade que, em determinados momentos, ela se multiplica em três, flutua e penetra numa grande tela de vídeo. Lasers parecem materializar ondas herzianas. Toda a ambientação se parece com a paisagem de distantes planetas dos filmes de ficção científica; às vezes, o ambiente toma a aparência de filmes realizados com efeitos de computação gráfica. Enfim, o espectador se dá conta de que está diante de efeitos mágicos, até então só vistos no cinema. A música é metélica e repetitiva e os movimentos são contínuos, à semelhança de uma máquina. Tudo é resultado de uma química perfeita entre a luz (há um momento em que a luz sai da ponta dos dedos), os movimentos humanos, a música e a

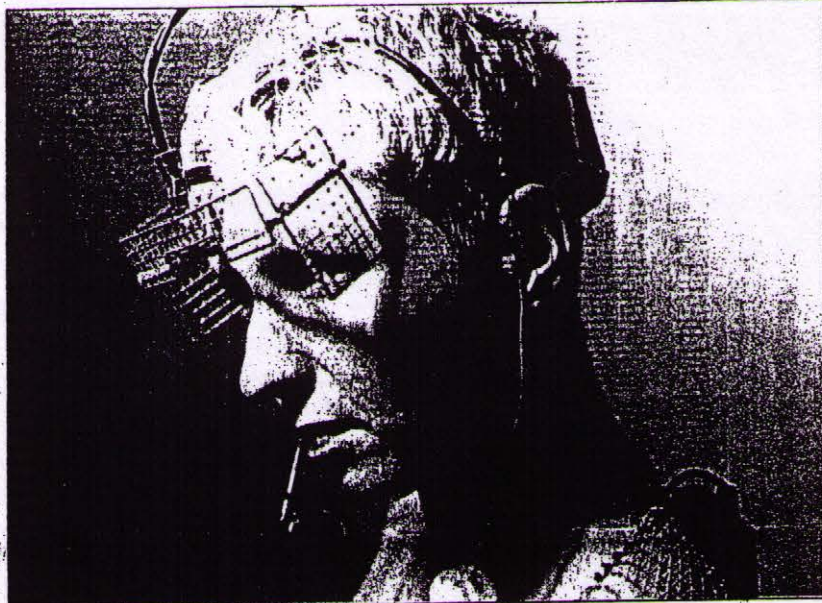
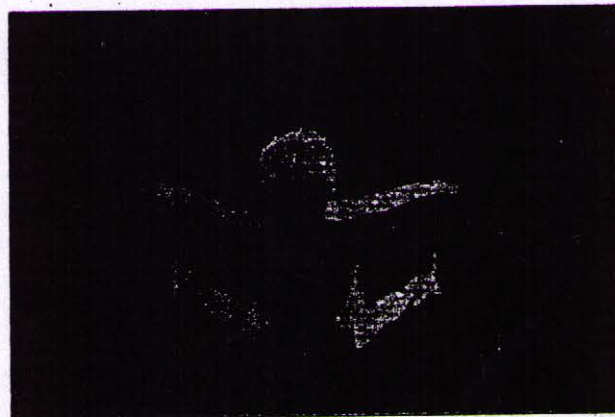


Foto: Dnielgocki

Isabelle Choinière



gens relacionadas com o corpo, é uma nova forma de dança. Nós refletimos muito sobre a tecnologia. A forma que nós criamos apresenta uma espécie de organicidade eletrônica. A dança permite uma percepção de diferentes níveis do corpo, isso vai da pele ao interior do corpo, da alma. E também nós fazemos uma trabalho de projeção cênica que leva a um nível superior, um nível exterior ao corpo, mas que permanece totalmente orgânico. As imagens que nós criamos refletem essa extrapolação que permite ir do interior ao exterior do corpo.



**P - Qual sua expectativa em apresentar um espetáculo dessa natureza para uma sociedade com tantos contrastes com a baiana?**

**R -** Estou muito confiante, porque eu já percebi que os baianos são muito abertos a novas experiências. Eu já vi certas manifestações, na Bahia, que me provaram que o povo tem uma grande abertura, uma enorme curiosidade. O único problema que a gente pode ter é em relação aos academicistas, que ficam procurando referências. Esse é um trabalho que questiona muitas coisas e tenta fazer uma série de correlações. Eu acho que os baianos são bastante ousados, se permitem lançar em novas experiências e estão muito próximos de um aspecto ritual, que nós temos em nosso trabalho. Eu acho que os baianos vão amar.

reflexão, um encontro entre a tecnologia e o corpo. É preciso compreender o corpo dentro de um processo de arte eletrônica, o corpo numa relação permanente com a alta tecnologia.



**P - Você fala da comunicação, uma espécie de integração, entre o homem e a máquina. Mas as imagens desse futuro não são sombrias?**

**R -** O que desenvolvemos são ima-



FICHA TÉCNICA

O quê: Espetáculo de dança (*Communion*)  
De quem: Canadenses Isabelle Choinière  
Quando: Dias 10 e 11 no TCA, e 13 no MAM